

Novas famílias do século XXI: famílias monoparentais

Os momentos históricos e os contextos, ao se modificarem, impõem mudanças aos seres humanos. O mundo externo, no século XXI, impõe a marca de rapidez, vertigem e liquidez: nada parece poder ser apreendido ou assegurado, pois, no momento em que as mudanças começam a ser pensadas, elas já se alteram. Assim também, a realidade parece não nos permitir pensar e conceituar as alterações, que se estabelecem por si sós, como deslocamentos. Essas características da época fizeram com que aparecessem famílias diferentes do modelo tradicional formadas por pai, mãe e filhos. Alguns autores descrevem as famílias do século XXI como famílias desestruturadas. Essa nomeação, porém, parte do pressuposto de que a família nuclear tradicional — pai, mãe, filhos — é a família estruturada. As famílias contemporâneas deveriam ser designadas como *as novas estruturas familiares*.

A família contemporânea é uma instituição democrática, horizontal, na qual o poder está descentralizado e repartido entre seus membros. Elizabeth Roudinesco diz: “... esta família se assemelha a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado”.¹ E conclui ser a “...cultura do narcisismo e do individualismo, uma religião do eu, uma preocupação com o instante, uma abolição fantasística do conflito e da história”². Essa conformação atual não acontece sem antecedentes. Família, produto posterior de uma etapa antifamiliarista e antiautoritária dos anos 70. Seria essa a família que ingressa no século XXI para nos surpreender e fazer pensar na sua configuração?

As autoras argentinas Silvia Duschatzky e Cristina Corea descrevem “lugares familiares que rotam, se transformam em simétricos, são intercambiáveis, temporários e aleatórios... O exercício da paternidade não esta baseado necessariamente em um mandato ou no cumprimento de uma lei, mas sim em um terreno incerto no qual vacilam o desejo, a decisão, a indiferença e incluso a repulsa. Os modelos de paternidade e da

¹ ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Op. Cit. 155p.

² ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Op. Cit. 160p.

maternidade se debilitaram, e não se sabe em que consiste ser pai ou ser mãe nestas novas condições.”³

Algumas das novas famílias da atualidade são as famílias recompostas, as deconstruídas, os casais homossexuais com desejos de adoção de filhos, as famílias monoparentais, as mães solteiras, as mulheres com produção independente, com as novas técnicas de fertilização in-vitro, congelamento de espermatozoides e clonagem. Para esta pesquisa, a proposta é o trabalho com famílias monoparentais.

Famílias Monoparentais

As famílias monoparentais estão compostas por uma mãe à qual se remetem filhos de diferentes pais biológicos. Pais biológicos doadores da genética dos filhos. Nos casos pesquisados, o pai biológico não aparece como presente nos cuidados para com os filhos nem na vida deles, o fato deles terem nascido parece uma decisão exclusivamente materna onde o pai somente contribui com a genética e não partilha, nem acompanha o nascimento nem a criação deles.

Nesta formação monoparental caberia a pergunta: o que causou esse ordenamento familiar? A causa pode ser uma decisão materna para ter uma produção independente, pode ser um caso de adoção, pode ser caso de viuvez, pode ser um caso em que o pai decide não fazer parte da criação desse filho se desligando também dessa mulher com a qual o concebeu, ou pode ainda ser o caso desse pai ser deixado de fora pela figura materna sem possibilidades de acompanhar o desenvolvimento dos filhos. O que permanece como constante é uma conformação familiar na qual o lugar do casal parental está ocupado pela presença de uma pessoa só, o lugar da mãe está preenchido e fica vago o lugar do pai, o lugar filial está ocupado pelos diferentes filhos.

A pergunta que norteia minha reflexão é: Como se desenvolvem e organizam os vínculos nas famílias monoparentais?

Apresentarei um caso clínico para pensarmos juntos na trama vincular que permeia a rede vincular familiar. Nomeei esta família como:

³ DUSCHATZKY S. y COREA C. *Chicos en Banda. Los caminos de la subjetividad en el declive de las instituciones*. Paidós, Tramas Sociales. Buenos Aires. 2006. 66, 67p.

A FAMÍLIA NA QUAL O TÍO É CHAMADO DE PAI

Aguardo a família encaminhada pela terapeuta de adolescentes da equipe do hospital. Quando abro a porta, muitas pessoas começam a entrar sem sequer se apresentarem, eles não me cumprimentam. Parece que entram em um lugar conhecido.

Sentam-se frente a mim, duas mulheres — uma de mais idade que a outra —, três crianças pequenas e um adolescente que se senta de lado.

Quando começo a me apresentar, as duas mulheres adultas falam: **“O tio ainda não chegou, vamos aguardar por ele”**.

As crianças movimentam-se inquietas; a mulher mais jovem tenta segurá-las e grita para que fiquem quietas nas cadeiras designadas por ela.

Na espera pelo tio, ninguém fala. Somente as crianças correm e conversam entre elas. É um silêncio, por momentos, difícil de suportar, fundamentalmente porque eu não sei a causa da espera.

A menina menor senta-se à minha frente, olha pra mim e me diz: “Meu avô morreu. Cadê o pai?”.

Eu repito sua pergunta: “Cadê o pai?”.

A adulta jovem fala: “O tio já está chegando”.

A apresentação dessa família no espaço físico do consultório, fala por eles, muito mais que todas as palavras das quais eles fizeram uso quando o tio, habilitador familiar do uso da palavra, entrou para a sessão. Eles falam de uma desorganização interna, de um conjunto sem bordas, sem forma, sem diferenças. Quem é quem neste conjunto de pessoas? Ninguém sabe. Eu comecei a perguntar pela posição de cada um numa árvore genealógica desenhada pelo imaginário social, mas essa formação familiar parecia não atravessá-los. Quem é quem? Essa pergunta vai dirigida à biologia ou a genealogia? Eles parecem não conhecer essa linguagem. A pergunta parece também deixá-los confusos.

Nem o contexto — do consultório — faz diferença para essa família, já que parece que não o vêem como diferente. Todos os espaços são iguais. Todas as pessoas

possuem posições arbitrárias. A confusão foi grande também para mim que os observava tentando compreender mais sobre eles.

Como se constitui o contorno dessa composição familiar?

Retomando o caso clínico:

O tio entra em cena e autoriza a palavra a todos. Agora eles podem falar. Apresentam-se.

Menina: Valéria, 3 anos.

Menino: Pedro, 4 anos.

Menino: Jaime Peres Guimarães, 7 anos.

Adolescente: Miguel, 14 anos.

Homem: Tio Ricardo, 30 anos.

Analista: E vocês?(dirigindo-me às mulheres).

Mulher: Ester, tia, irmã do tio.

Segunda mulher: Rose a mãe.

Tio: “Nós estamos aqui, porque Miguel é o problemático; ele traz a bagunça para a família. Imagine que ele fugiu da minha casa e foi para a casa delas”.

A informação me confunde e eu fico também perdida, como todos eles parecem ficar dentro dessa família. Não compreendo quem é quem. As pessoas fogem de uma casa para ir para a casa do outro sem estabelecer a distinção de casa como lugar de pertencimento. Desconhecem o uso do pronome possessivo que marca a diferença quando é atribuído a cada um; marca um lugar de posse que assegura e desenha raízes para cada um, marca uma “minha” casa e uma “tua” casa como distintas.

Quais são as marcas que as distintas gerações impõem as outras? As bordas das gerações definem um contorno familiar com rupturas, a partir das quais a geração mais velha dá espaço à geração mais jovem, habilitando-a para um crescimento pessoal. Como se constituem as distintas gerações dentro das famílias? Através de um movimento de ruptura feito pelos novos integrantes da família, os filhos que nascem e os pais que nascem também como pais. Há um momento de ruptura entre gerações. Essa árvore genealógica vai se constituindo como um quebra-cabeça ou caleidoscópio que toma a forma que a família vai dando para si.

Mas se as diferenças entre as gerações nesta família não são conhecidas e são apagadas e esvaziadas, não haverá clareza de que avôs são avôs, pais são pais e filhos são filhos. Quando isso acontece, essas funções são trocadas: uma avó pode assumir a função paterna, desrespeitando o lugar do pai que não toma sua função em suas mãos; um tio pode também tomar a função paterna e dirigir a família de acordo com seus desejos... Tal fato leva a uma confusão não só das funções dentro da família como também dos lugares a serem ocupados por seus membros.

Silvia Duschatzky e Cristina Corea nomeiam esse tipo de famílias como espaços de-subjetivantes para habitar os vínculos familiares, nos quais nos defrontamos com sujeitos que se encontram frente à impossibilidade de modificação das situações a que são expostos. “Uma das condições da de-subjetivação no entorno familiar é a visível indiferenciação dos lugares tradicionais de pai, mãe e filho com a conseqüente dissolução das posições de proteção e autoridade dos pais para com os filhos”⁴. O entorno familiar de-subjetivante implica uma dissolução das posições e lugares tradicionais de pai, mãe e filho, aparecendo a maternidade e a paternidade como lugares simbolicamente destituídos de sentido.

Como estão eles agrupados como família? Qual é a família deles? Talvez essa necessidade de um ordenamento dentro de um modelo de família seja uma necessidade minha como analista por não conseguir me incluir na situação familiar para compreendê-los.

Rose: Minha mãe e Roberto, o outro tio que mora com a gente, não conseguiram vir. (respondendo para a menina que fez a pergunta) O avô faleceu.

Tio: O Miguel está sempre brigando e isso não pode ser. Miguel briga com minha filha. Na casa, moramos eu, minha esposa e minha filha (usa um tom agressivo, diria quase expulsivo). Eu tive que mandar ele para a casa da mãe para morar lá.

Qual seria a denúncia que Miguel está fazendo através de seus atos, catalogados pelo tio de briguentos? Miguel se coloca em um lugar de protesto, de marcação de

⁴ DUSCHATZKY S. y COREA C. *Chicos en Banda. Los caminos de la subjetividad en el declive de las instituciones*. Op. Cit. 73p.

situações que o deixa sem lugar e o impede de crescer como homem- adolescente. Achamos-nos frente a uma situação de falta de função paterna. Miguel chama seu tio de pai, mas na hora em que o tio poderia se apresentar como uma figura adulta masculina habilitante, o tio o expulsa para a casa da família de origem de sua mãe. A mãe não dá para Miguel um lugar de amparo a seu lado como figura protetora a partir de seu lugar parental.

Miguel denuncia aqui um espaço familiar sufocante que não habilita ao crescimento.

Analista: Valéria perguntou quem era o pai.

Miguel: (dirigindo-se a mãe) Quem é meu pai?

Rose: Seu pai é Marcos.

Analista: Poderiam esclarecer um pouco mais?

Tio: Eu criei o Miguel, minha irmã estava em uma grande depressão. Tomava Aldol. Então eu o criei.

Rose: O Marcos foi embora quando eu engravidei. Eu também fiquei deprimida depois do nascimento da Valéria. Eu não consigo dominar eles e não consigo dominar a mim mesma. Estou em tratamento psiquiátrico faz muitos anos.

Tia: Falam que ela tem esquizofrenia.

A família mostra certas constantes que a constituem: o espaço físico de moradia, os nomes próprios e a novela familiar. Esta família parece carregar uma história sem diferenças intergeracionais nem transgeracionais; não se apresenta atravessada por uma lei que os organize. Um tio pode vir a ser um pai, uma tia pode gritar e indicar como seus sobrinhos devem se comportar na frente da mãe, uma mãe pode vir a ser somente a genitora. Porém, Rosa, a mãe, quase não se faz escutar.

Estava presenciando uma situação familiar na qual os modelos de paternidade e maternidade aparecem como destituídos de seu sentido simbólico e assistindo ao que seria a uma situação de mera sobrevivência de sujeitos que não conseguem fazer uma trama que os habilite a se constituir como seres subjetivos e passíveis de subjetivação.

Esta situação familiar denuncia um modelo endogâmico de funcionamento que obstrui a possibilidade de desenvolvimento dos sujeitos dentro do contexto familiar. Entretanto, eles recorrem a uma profissional, que aparece como terceira investida dentro de um contexto hospitalar que eles respeitam, com um pedido inconsciente de tentar quebrar o modelo endogâmico que lhes está sufocando e empobrecendo.

O tio continua acusando Miguel que se coloca cada vez mais longe de todos, olhando pela janela. O menino é interpelado por todos porque parece não prestar atenção à fala do tio.

Eu sinto contratransferencialmente a angústia crescendo em relação ao fato de Miguel não dar atenção às acusações e sua pretensa rejeição da família.

Tia: Estamos falando com você. Por que não presta atenção?!

Analista: Ele está prestando atenção a seu modo.

Tia: Ninguém pode demonstrar o carinho por ele.

Analista: Miguel, você gostaria de fazer carinho em alguém em especial neste momento? Miguel senta-se em uma cadeira junto a sua mãe, coloca seu rosto no colo dela e começa a chorar.

Poderíamos considerar esse momento como constituinte do vínculo materno-filial, quando Miguel toma o que lhe pertence que é o colo da sua mãe para chorar frente a seu desamparo e ela o outorga recebendo-o. Esse ato de constituição vincular familiar também é feito com testemunhas oculares que são os tios, representantes da família de origem materna que presenciam esse ato constitutivo.

Apresenta-se um movimento novo, um acontecimento construído na transferência-interferência, na frente da outorga dessa possibilidade que o tratamento os oferece através da figura da analista como terceiro que habilita o vínculo. O vínculo também se legaliza frente ao olhar de duas gerações ali presentes. Posicionamos-nos frente a um ato inaugural. Miguel toma para si o que sua mãe lhe oferece e ambos nesse ato se habilitam e legalizam como mãe-filho. Falamos de um espaço de constituição em transferência-interferência de uma estrutura familiar, constituída por: mãe, filho expulso-rechacado-afastado junto aos outros filhos e também irmãos, ficando os tios colocados

fora deste cenário da família. Quando a família de origem de Rose fica separada da família atual assistimos a uma perda do lugar de de-subjetivação familiar, aparecendo uma possibilidade de invenção de um novo espaço familiar que demarca uma segunda geração diferenciada da anterior. No mesmo ato em que a família de origem fica afastada Rose assiste a sua integração de posse de seu lugar e função materna.

Surgem em mim várias perguntas? Porque Rose escolhe parceiros ocasionais para ter seus filhos? Porque construiu um casal parental no qual o pai biológico é apenas um doador dos genes e a mãe refugia-se em sua família de origem sem conseguir exercer a sua função materna se apropriando de seu lugar e sua função? Frente a esse vazio surge a família da mãe ocupando espaços vagos de parentalidade. No lugar filial temos as crianças e Miguel, adolescente, que através de suas condutas denuncia a falta e a ausência levando a família a consultar um profissional como família, na tentativa de estabelecer certa borda como delimitação familiar, assim como pessoal, para ele.

A família de Rose e seus filhos, começa a se constituir em análise. Desse modo, tanto Rose quanto Miguel e seus irmãos se outorgam mutuamente os lugares de mãe, filhos e irmãos na frente da analista que os observa e outorga um lugar para eles se demarcarem como família. Rose traz seus filhos à consulta familiar. O tio e a tia não regressam mais.

Esse foi o momento inicial de construção em análise de uma nova estruturação familiar. Vemos como esses sujeitos podem fazer do espaço terapêutico um espaço de habilitação para uma subjetivação dentro da situação familiar. Espaço de invenção de operações criativas e novas, como condição de possibilidade de constituição. Rosa, Miguel, Jaime, Pedro e Valéria nascem como família neste novo ato vincular. Começamos trabalhando com este novo núcleo familiar. Tendo um longo caminho a percorrer começamos o trabalho vincular.

Para concluir quero citar um trecho do texto Buriti de Guimarães Rosa que exemplifica como essa família se apresenta.

“Deus, dessas! Aquilo era a família. A roda travada, um hábito viscoso: cada um precisava de conter os outros para que não fossem e vivessem.”

(Buriti, Guimarães Rosa)

Tomando de empréstimo as palavras de Guimarães Rosa, eu diria que Miguel conseguiu denunciar a “roda travada” e durante o desenrolar desse trabalho conseguimos fazer com que se “destravasse” e andasse e “voltasse a andar”.